



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

EDNARA BARRETO DA SILVA

**COMO AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA CONTRIBUEM PARA O
APRENDIZADO DOS/AS ESTUDANTES**

**ACARAPE-CE
2024**

EDNARA BARRETO DA SILVA

**COMO AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA CONTRIBUEM PARA O
APRENDIZADO DOS/AS ESTUDANTES**

Ensaio Acadêmico apresentado
como requisito para a obtenção de
título de Bacharelado em
Humanidades pela Universidade da
Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira.

ORIENTADOR: Jon Anderson
Machado Cavalcante

ACARAPE-CE

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me concedeu uma segunda chance de viver, e assim está viva para realizar esse trabalho. Em especial ao meu Orientador, que não desistiu de mim, foi paciente e me incentivou na elaboração deste trabalho. Obrigada pela Dedicção

A minha família, expresso toda a minha gratidão pelo constante incentivo e apoio que me deram.

Esse trabalho é fruto de muito esforço e um lembrete: eu tive o que muitas outras pessoas não tiveram, uma segunda chance.

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo mostrar como as experiências de leitura contribuem para a aprendizagem dos/as estudantes, considerando reflexões pessoais alinhadas com ideias e opiniões de outros autores. Buscando assim levantar uma questão bem relevante na nossa sociedade atual. A importância da leitura na vida de um indivíduo, as mudanças que ela pode ocasionar na vida pessoal como profissionalmente, levando em conta suas próprias vivências e o que esses indivíduos podem tirar dessas experiências. posto isso, primeiro será abordado elementos teóricos e reflexivos sobre a leitura, para além de um ato mecânico. Depois a leitura como prática, destacando a importância de formar cidadãos conscientes. Em seguida, os desafios para incluir a leitura no cotidiano dos estudantes e por fim, analisar como está a prática de leitura no Brasil.

Palavras-chave: Leitura, Experiência, Aprendizagem, Estudantes.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido por mim para este Ensaio Acadêmico como Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Humanidades (BHU) da UNILAB - Ceará, tem como questão central mostrar como as experiências de leitura contribuem para a aprendizagem dos/as estudantes. A escolha deste recorte de estudo foi motivada pela minha experiência e envolvimento com a leitura desde a adolescência, participando de projetos de leitura nas escolas onde cursei o ensino fundamental e médio. Projetos esses que proporcionaram momentos de compartilhamentos de conhecimentos através de rodas de conversas e de debates entre todos/as os/as alunos/as.

Através desses projetos, pude adquirir o hábito de ler, não somente para realizar os trabalhos escolares e sim por prazer. Tendo a leitura como hábito, percebi que melhorei nos estudos, conseguia entender melhor as matérias, além de ter uma grande evolução na minha escrita e, conseqüentemente, em minha fala.

Portanto, esse ensaio acadêmico tem como objetivo, refletir sobre como essas práticas de leituras, podem ter efeitos de aprendizagem mais duradouros sobre os/as estudantes. Mais até, do que apenas ler um texto por obrigatoriedade e decorar seu conteúdo de forma mecânica, e sim, se aprofundar de uma forma que eles/as estudantes possam tirar lições daquele assunto. Seguindo essa linha de raciocínio, temos as discussões e pesquisas sobre algumas formas de ensino, que trazem também diferentes métodos de alfabetização. E como educadores e educadoras vem seguindo, de modo geral, certas práticas educativas ao longo dos anos.

Além disso, também abordarei sobre o uso dessas práticas como um ato de emergência. Eu acredito que a maneira como os conteúdos são empurrados para os estudantes atualmente precisa ser repensada. Muitas vezes, sinto que somos forçados a absorver uma quantidade imensa de informações de uma só vez, como se a principal função da aprendizagem fosse passar em um teste, e não, de fato, entender o que estamos estudando. Esse processo, em que o conhecimento é tratado como algo a ser memorizado mecanicamente para obter uma boa nota, é o que chamamos de “decoreba”. E, ao invés de promover o aprendizado verdadeiro, ele só nos prepara para lembrar informações por um curto período, sem que possamos realmente refletir sobre elas ou aplicá-las na prática.

Nesse aspecto, acredito que seja relevante pensar em outras ou melhores formas de alfabetização. Buscando enxergar, considerar cada vez mais a realidade de cada estudante. E assim, incluir de forma educativa suas vivências, para que os/as mesmos/as possam aprender com suas próprias experiências. Ter leituras dinâmicas e assim alcançar uma qualidade maior em seu aprendizado. Desse modo, fortalecer ainda mais esse processo formativo, com foco em ajudar os/as alunos/as a se tornarem bons profissionais, mas também cidadãos/ãos. Pode haver debates e questionamentos sobre uma prática mais contextualizada na educação. Pois há muitos desafios para os/as profissionais na área da educação, em especial, escolar. Mas acredito que essas práticas agregariam e acrescentariam significativamente no momento de aprendizagem estudantil.

Nesse sentido, essa temática será discutida a partir das fontes de estudos anteriores, trarei colaborações de outros pesquisadores/as que possibilitam uma contribuição para a reflexão acerca dessa temática. Destaco, assim, o diálogo com Paulo Freire, Jorge Larrosa e John Dewey a partir de suas respectivas contribuições em relação ao tema deste ensaio. E para este trabalho, parte da minha experiência é de extrema importância na minha formação social e acadêmica, pois sou moradora de uma comunidade do interior de Aracoiaba – Ceará, chamada Torrões, hoje bem mais desenvolvido, mas em minha infância vivíamos com o básico, principalmente no distrito onde moro, Lagoa de São João. Quando eu ainda era criança, não havia energia elétrica nem abastecimento de água encanada.

Os fatos citados acima são necessários para reforçar que, como filha de agricultores e semianalfabetos, minha família não me incentivava a ler. Mas não por falta de interesse e sim por falta de recursos. Os primeiros livros que tive contato foram disponibilizados pela escola onde eu cursava o ensino fundamental. Hoje já atuo como professora em uma escola pública no município onde moro, e já tive a oportunidade de desenvolver e participar de projetos com a mesma temática de quando eu estudava. Nesse caso, pude observar em primeira mão as mudanças e impactos que as práticas de leituras causaram em cada estudante. Portanto, este tema é de grande relevância para mim, pois está ligado ao meu cotidiano, enquanto discente e docente.

Dessa forma, tenho um interesse pessoal nesse assunto já que o mesmo me acompanhou durante parte da minha adolescência e ainda me acompanha, agora na minha vida adulta. Como professora de reforço de língua portuguesa tive a oportunidade e a responsabilidade de ajudar

na alfabetização de alguns alunos na instituição onde eu trabalhava e por inúmeras vezes usei o método tradicional. Foi a partir desse momento que percebi que os alunos não conseguiam atingir todo o seu potencial. Portanto, foi nas leituras que encontramos a maneira de melhorar o desempenho desses estudantes.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Minha aproximação com a leitura

Minhas primeiras experiências com a leitura foram na escola. Aprendi a ler relativamente cedo, com a ajuda dos professores, mas também dos meus irmãos mais velhos. Cedo também foi meu contato com a leitura, os livros e a literatura, através de projetos de leituras realizados pelas escolas onde estudei. Minha família não tinha muito recurso, então eu lia os livros disponibilizados pela escola. Minhas professoras de língua portuguesa no tempo de escola foram excelentes, eu sempre aprendia muito com elas. Eu lia livros didáticos, mas também, poesias, romances e outros. Apesar de não ter outras pessoas na família que tivessem o interesse na leitura, ainda assim me incentivavam.

Lembro-me, da sala de aula com vários/as alunos/as, onde discutíamos sobre os vários pontos das histórias que líamos. Onde se passava, como eram os personagens, se havíamos gostado. E se por acaso alguém não estivesse gostando do livro, tínhamos a permissão para trocar. E eu particularmente adorava aqueles momentos por finalmente poder embarcar em aventuras através das leituras, e também aprender com elas, porque podíamos compartilhar nossas opiniões e também ouvir as dos/as colegas.

A faculdade me proporcionou meios de adquirir ainda mais o gosto pela leitura. Lembro-me de um colega, que hoje é um amigo muito querido me emprestou um livro chamado: “Quem é você, Alaska?” do escritor norte-americano John Green. Na hora me apaixonei pela obra, e, a partir disso, passei a me aproximar mais de escritores/as contemporâneos/as a ponto de começar a minha própria coleção. Desde clássicos da literatura brasileira como as secas”, um livro de Graciliano Ramos, que narra a história de uma família de retirantes e mostra as consequências da seca que assola o sertão nordestino. ou o livro “Senhora” de José de Alencar. Até a literatura

inglesa como “Orgulho e Preconceito” de Jane Austin, “O Apanhador no Campo de Centeio” de J. D. Salinger e os lindos poemas de Emily Dickinson.

Assim como J.K Rowling e sua maravilhosa saga de fantasia: “Harry Potter. As aventuras do semi-deus Percy Jackson” do autor Rick Riordan e a corajosa garota de 18 anos Katniss Everdeen que derrubou o governo ditatorial de Panem, da trilogia “Jogos Vorazes” escrita por Suzanne Collins. Há também outras obras que me fizeram e ainda fazem ler e reler várias vezes.

Não tenho experiências dolorosas com a leitura, ainda que me lembre das dificuldades em entender a difícil linguagem de época dos clássicos da literatura brasileira. Isso me fez entender, que é melhor começar com alguns “romances clichês”. Mas aprendi que não importa o que se lê, seja gibi, histórias em quadrinhos, mangá ou literatura, e sim como se ler. O que cada indivíduo consegue retirar da leitura e levar para a vida.

Estamos lendo a cada momento, pois a leitura é um elemento essencial em nossas vidas. Temos variadas leituras e diversos leitores, cada um com o seu modo de ser, pois a leitura é a essência da vida. Nós lemos para interpretar melhor o mundo e consequentemente os comportamentos das pessoas. Às vezes nos encontramos como se estivéssemos dentro da leitura, ou seja, identificando com os personagens inseridos nela.

Assim como fui transformada pela leitura em meus dias como estudante, pude presenciar também transformações e mudanças na vida de alguns dos meus alunos, agora que atuo como docente. Ainda não tive a experiência de atuar como professora no ensino médio, pois a minha jornada como docente começou com os anos iniciais, em que tive a responsabilidade de estar presente durante o processo de alfabetização em algumas turmas.

Para encerrar essa seção é essencial destacar que a experiência de ler transcende o mero ato de decifrar palavras. A leitura se torna um meio poderoso de autodescoberta e expressão, moldando não apenas o conhecimento acadêmico, mas também a sensibilidade e a empatia. Como futura educadora, vejo a leitura como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos. Minhas vivências pessoais e observações em sala de aula reforçam a ideia de que cultivar o hábito da leitura desde cedo é fundamental para o

desenvolvimento acadêmico dos estudantes. É por meio desse hábito que os estudantes não apenas ampliam seu repertório cultural, mas também adquirem habilidades essenciais para navegar pelas complexidades da vida.

Assim, meu compromisso não é somente incentivar a leitura, mas também promover práticas que tornem essa experiência rica e significativa, criando um ambiente onde todos possam se sentir protagonistas de suas histórias. Acredito firmemente que, ao estimular a leitura, estamos contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos, criativos e engajados com o mundo ao seu redor.

2.2 Olhares sobre a Leitura

Este tópico busca trazer um diálogo com elementos teóricos e reflexivos de uma compreensão mais ampla e complexa sobre o fenômeno da leitura, para além de um ato mecânico de decifração de códigos de uma determinada língua. Em minha opinião, a leitura é essencial para a formação dos indivíduos, pois ela é capaz de aproximar as pessoas e de criar novos significados em suas vidas. Além de acrescentar em seu crescimento, não só profissional, mas também pessoal. Um indivíduo lê para obter informações específicas, pertinentes para seu contexto de vida, ou apenas por prazer, curiosidade.

De qualquer forma, a leitura acrescenta profundamente na vida de quem adere a ela e a torna um hábito. Aprendemos sobre a importância da leitura desde criança. Um exemplo básico é que, quando começamos nossa vida escolar, as primeiras atividades que as instituições de ensino nos trazem são vinculadas à aprendizagem da leitura. Mas a leitura vai além de apenas aprender uma decodificação linguística. É evidente que na sociedade em que vivemos hoje, é necessário saber ler. Nas escolas os/as alunos/as precisam decifrar textos, traduzi-los e até mesmo interpretá-los. No mercado de trabalho a leitura é o mínimo exigido para várias funções.

Todo esse processo se inicia com o letramento e alfabetização na escola. Quando se incentiva o/a aluno/a à aprendizagem e à aquisição do hábito da leitura, essas práticas ajudam esses estudantes em sua comunicação, no desenvolvimento pessoal, social e também em sua escrita. Por isso acredito que a leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento humano. E sobre ela, é necessário o entendimento do que ela consiste:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto. A partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificar cada letra por letra, palavra por palavra, tratasse de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, interferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p. 69).

É uma atividade que exige muito mais do que a simples detecção de informações, conforme Martins (2006), envolve um conjunto de habilidades de decodificação e compreensão, que são essenciais para a sua proficiência. Muitas vezes, quando leio, estou tão focada nas palavras que posso esquecer que a verdadeira leitura é um diálogo entre o texto e meu conhecimento prévio. Essa interação ativa é fundamental, pois me permite conectar ideias, questionar o que estou lendo e, por fim, construir um entendimento mais robusto.

A menção a certas estratégias para a leitura como seleção, antecipação, interferência e verificação me faz pensar em como esses processos estão presentes em minha própria prática. Antes mesmo de abrir um livro ou um artigo, eu já trago expectativas e hipóteses sobre o que vou encontrar. Durante a leitura, frequentemente faço pausas para refletir e verificar se o que estou entendendo faz sentido, e isso enriquece minha experiência. Além disso, essa abordagem ativa da leitura é especialmente relevante em um mundo inundado de informações. Em tempos de desinformação, a habilidade de interpretar e analisar criticamente um texto se torna ainda mais crucial. A leitura proficiente me capacita a discernir entre diferentes fontes de informação e a formar uma opinião fundamentada.

Devemos lembrar da importância de cultivar essas habilidades desde a infância. A educação deve incentivar a leitura como um processo ativo, preparando os alunos não apenas para decodificar textos, mas para se tornarem leitores críticos e pensadores independentes. Isso é essencial não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para a formação de cidadãos conscientes e engajados na sociedade. A leitura, portanto, deve ser uma atividade central no ambiente escolar, pois desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes. Ao invés de ser relegada a segundos em uma aula, a leitura precisa ser integrada de forma significativa no currículo.

Porém, essas práticas de leitura não podem servir apenas como modo para obter informações e sim, como algo transformador, que possa mudar e transformar a vida de quem a

experimenta. Sendo assim, através das leituras realizadas até aqui e de minha própria experiência, pude perceber que a leitura vai além de apenas decifrar textos:

Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma, ou nos transforma, como algo que nós constituímos ou nos pomos em questão naquilo que somos). A leitura, portanto, não é só um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real. E também não se reduz a um meio para adquirir conhecimento (LARROSA, 2002. p. 6)

Ao ler esse trecho acima, percebo que a leitura vai muito além de ser apenas um passatempo ou uma maneira de adquirir conhecimento. Para mim, a leitura é um processo profundo que molda quem sou e como me relaciono com o mundo ao meu redor. A leitura pode formar, deformar ou transformar uma identidade, sinto que isso se reflete em minha própria experiência. Cada livro que leio me apresenta novas vozes e perspectivas, forçando-me a questionar minhas opiniões e a reflexões sobre o que realmente valoriza.

Muitas vezes, vejo-me desafiada por ideias que não são confortáveis, mas que são essenciais para meu crescimento pessoal. Essa “deformação” é, na verdade, um convite à reflexão crítica, e eu acolho como uma oportunidade de aprendizagem. Aprender a ler pode ser um grande desafio.

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser um mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o *dar o sentido a um texto* implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor (MARTINS, 2006, p. 33)

A leitura é, dessa maneira, uma prática social, inserida em um contexto vivido concreto, que influencia na interpretação do texto. Surge decorrente de motivações pessoais e coletivas diversas. Aprender a ler pode proporcionar experiências de ressignificação do mundo e de si.

Ler é então, antes mesmo de procurar uma informação, ter escolhido a informação que se procura. Ler, que se trate de um jornal, de romance, de bula, de um poema, um relato de experiência, a legenda de um filme, de um mapa, de uma peça de teatro. Trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior de um projeto (FOUCAMBERT, 2008. p. 63)

Ao refletir sobre essa citação, percebo que a leitura é realmente uma atividade relacionada a significados socialmente construídos. Cada vez que escolhemos um texto para ler — seja um artigo de jornal, um romance ou um poema — estamos, de fato, alinhando essa escolha a um propósito ou projeto pessoal. Essa perspectiva me faz pensar que ler não é apenas um ato passivo, mas um processo ativo de envolvimento com o mundo.

A ideia de que a leitura tenha sua “significação” inscrita em um projeto é particularmente interessante. Isso sugere que, independentemente do gênero ou do formato do texto, sempre há um contexto que influencia a maneira como interpretamos e absorvemos a informação. Por exemplo, ao ler um romance, não estou apenas buscando entretenimento, mas também explorando temas humanos, emoções e dilemas que me fazem refletir sobre a vida. Além disso, essa visão amplia o escopo da leitura para incluir diferentes tipos de textos e mídias. Isso me leva a pensar em como interagimos com a informação em diversas plataformas, como redes sociais, blogs ou mesmo textos acadêmicos. Cada uma dessas formas de leitura pode se inscrever em projetos diferentes, desde o lazer até a pesquisa e a formação crítica.

Ao compreender que cada texto que selecionamos tem um papel em nosso desenvolvimento e na construção do conhecimento, um indivíduo pode ser mais motivado a explorar novos gêneros e perspectivas. Assim, a leitura se torna uma ferramenta poderosa não apenas para adquirir informações, mas para construir uma visão de mundo mais rica e diversificada.

É fundamental para o exercício pleno da cidadania, e, portanto, deve ser motivada, nas diferentes classes e esferas sociais, para que seja, de fato, um pilar fundamental para a formação de cidadãos críticos e engajados. Quando a leitura é promovida nas escolas, não apenas oferecemos acesso ao conhecimento, mas também cultivamos habilidades essenciais para a vida em sociedade, como a capacidade de argumentação, análise crítica e respeito ao outro.

Como muitos não têm acesso a livros por falta de recursos, ou até mesmo pela falta de incentivo por parte dos familiares. Cabe à escola, enquanto espaço de aprendizagem, motivar a inserção do estudante no mundo literário. Muitos/as estudantes, por conta de suas condições socioeconômicas, enfrentam barreiras significativas para ter acesso a livros e a um ambiente literário rico.

Isso me leva a pensar na responsabilidade das instituições educacionais em criar espaços inclusivos e estimulantes, que não apenas oferecem livros, mas também incentivam a curiosidade e o amor pela leitura. É importante que as escolas se tornem lugares onde todos os/os alunos/as sintam que a leitura é um recurso valioso e acessível.

Além disso, a falta de incentivo à leitura por parte da família pode ser um obstáculo e consequentemente causar desinteresses às pessoas nas diversas faixas etárias da vida. Isso me faz refletir sobre como os/as educadores/as podem atuar como mediadores/as nesse processo, envolvendo as famílias e criando iniciativas que promovam a leitura em casa. Quando a escola e a família valorizam a leitura, as crianças e jovens têm mais chances de desenvolver um hábito literário que os acompanhará por toda a vida.

Dessa maneira, a leitura deve ser encarada como uma ferramenta de empoderamento. Ao motivar os alunos a se inserirem no mundo literário, estamos ajudando a formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, capazes de participar ativamente na sociedade. A promoção da leitura, portanto, não é apenas uma questão educacional, mas uma questão social que pode impactar o futuro de indivíduos e comunidades inteiras.

2.3. A dimensão política da Leitura

A ideia de que a leitura pode transformar um indivíduo em um agente de mudança ressoa profundamente na minha vida. Sinto que ao absorver novas informações e perspectivas, sou mais capaz de agir de maneira consciente em relação às injustiças que vejo ao meu redor. A leitura se torna, então, não apenas um ato individual, mas uma ferramenta poderosa para que esses indivíduos possam se envolver em questões sociais e promover a mudança que desejam no mundo.

A cada livro lido, os indivíduos podem se questionar sobre quem são e qual é o seu lugar neste mundo. Essa busca por autocompreensão e conexão com o outro é uma das razões pelas quais continuo a valorizar a leitura. Ela proporciona um espaço para explorar a própria identidade e, ao mesmo tempo, os conecta a experiências que vão além de sua própria vivência. Reafirmando assim a importância da leitura como uma prática transformadora que molda a identidade, e desafia a crescer e inspira a agir no mundo. A leitura é, sem dúvida, uma parte essencial das nossas vidas. Isso coaduna com a perspectiva de Paulo Freire acerca da leitura:

a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de

“reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1989, p. 13)

O trecho acima reforça a integração da leitura com o mundo vivido, na qual a significação do texto está condicionada aos sentidos sociais já presentes no contexto do qual o/a leitor faz parte. Além de ser influenciada pelo modo singular que a pessoa ou o grupo se apropria do seu mundo. Assim, a interpretação do texto repercute nas práticas sociais, tendo, dessa forma, uma dimensão política inegável.

A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura compreendida não só como leitura de palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva, de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos (BRANDÃO, 1994, p. 73).

Ao refletir sobre essa citação, percebi que ela ressoa profundamente com a minha compreensão do papel da leitura na sociedade. A ideia de que a leitura é uma atividade social é especialmente poderosa. Quando lemos, não estamos apenas absorvendo informações, estamos nos conectando a uma rede de ideias, experiências e vozes. Isso me faz pensar em como as leituras nos ajudam a entender melhor a realidade ao nosso redor e a nos posicionar em relação a ela. A leitura está presente no cotidiano de cada indivíduo, por isso acredito que há uma grande necessidade de mudança na sociedade que é de incluir a leitura no cotidiano dos estudantes independente da série e da faixa etária.

Desse modo, a leitura como uma prática política destaca a importância de formar cidadãos conscientes. Cada texto lido pode oferecer novas perspectivas e insights que nos levam a questionar a sociedade em que vivemos. Essa capacidade de “ler o mundo” é crucial em tempos de desinformação e polarização, pois nos permite desenvolver um olhar crítico e fundamentado sobre os problemas que nos cercam.

Esta "leitura" mais crítica da "leitura" anterior menos crítica do mundo possibilitava aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente de sua indigência. É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica (FREIRE, 1989, p. 14)

A leitura como uma prática política, contribui de forma relevante na formação de sujeitos mais informados e mais conscientes. Cada texto lido pode oferecer novas perspectivas e insights que nos levam a questionar a sociedade e os grupos em que vivemos. Essa capacidade de “ler o mundo” é fundamental em tempos de crises e de informações que chegam a todo minutos em por meio das mais diversas fontes, sejam elas impressas ou digitais.

A proposta de que a leitura deve ser uma atividade “constitutiva” de assuntos ativos é inspiradora, nos faz refletir sobre o papel que a educação deve desempenhar nesse processo. As escolas e instituições educacionais têm a responsabilidade de promover uma abordagem de leitura que incentiva os alunos a se tornarem protagonistas de suas próprias histórias, capazes de interpretar e interagir no mundo.

Ao nos tornarmos leitores críticos e engajados, temos a capacidade de influenciar positivamente nossa sociedade. Assim, a prática da leitura não deve ser vista apenas como um ato isolado, mas como um meio de conectar indivíduos, promover a cidadania e atuar em prol de um mundo mais justo e igualitário. Por isso, o incentivo à leitura a criação de espaços educacionais e sociais que favoreçam essa prática é fundamental e reflete uma visão de mundo, uma concepção de sociedade.

Nesse sentido, a leitura pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes em qualquer contexto educacional. No Brasil, no entanto, o panorama da leitura escolar é marcado por desafios que impactam diretamente o desempenho e a formação dos/as alunos/as. A análise sobre leitura no Brasil não pode ser dissociada de fatores sociais, econômicos e culturais que influenciam o acesso à literatura e a formação de leitores/as, mas tudo isso nos faz entender as dificuldades e as oportunidades presentes no processo de ensino-aprendizagem relacionados à leitura.

O Brasil, nesse aspecto, enfrenta um grande desafio, herança de seu processo de colonização e das políticas educacionais ao longo de sua história: o baixo índice de leitura da população. Segundo a pesquisa "Retrato da Leitura no Brasil" realizada pelo Instituto Pró-Livro (2019), 44% da população brasileira não leu nenhum livro no ano anterior à pesquisa, e 30% leem apenas por obrigação, como na escola ou trabalho. Essa realidade reflete o déficit de leitura entre os estudantes, um dado preocupante considerando que a leitura é uma habilidade essencial

para o sucesso acadêmico e profissional. O estudo também destaca que, apesar de muitos brasileiros estarem começando a consumir livros, o hábito de leitura ainda não é sólido nem rotineiro na maioria das famílias, o que dificulta a formação de leitores críticos e reflexivos.

Além disso, os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), realizados pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), revelam o desempenho abaixo da média dos estudantes brasileiros em leitura, quando comparados a outros países. De acordo com o relatório do PISA de 2018, o Brasil obteve uma pontuação de 404 pontos em leitura, bem abaixo da média da OCDE, que foi de 487 pontos. Esses números evidenciam a grande disparidade no acesso e na qualidade da educação no país. A leitura, essencial para o desenvolvimento de competências cognitivas, ainda representa um obstáculo significativo para muitos estudantes brasileiros.

A OCDE, ao comentar os resultados do PISA, destacou que a baixa performance do Brasil em leitura reflete não apenas a falta de um hábito constante de leitura, mas também questões estruturais do sistema educacional, como desigualdade no acesso a materiais didáticos adequados e a capacitação insuficiente dos professores para trabalhar as habilidades de leitura de forma mais eficaz. Conforme aponta a análise da OCDE:

Em muitos países, a leitura tem uma relação direta com o status socioeconômico e o contexto educacional dos alunos. No Brasil, as disparidades regionais e sociais tornam-se evidentes quando se comparam os resultados entre os estudantes de diferentes classes sociais, com aqueles das camadas mais altas demonstrando melhor desempenho do que os das camadas mais baixa (OCDE, 2019, p. 15).

Esses dados revelam que, para que a leitura se torne um instrumento de aprendizagem eficaz, é necessário um esforço conjunto entre governo, escolas e sociedade para melhorar o acesso aos livros e garantir que os estudantes possam desenvolver suas habilidades de leitura desde os primeiros anos da educação básica. A qualidade do ensino e o apoio familiar são determinantes para transformar a leitura em um recurso constante e poderoso na vida dos estudantes.

Além disso, o PISA também observa que, para melhorar os resultados de leitura, é essencial investir na formação de professores/as e na implementação de políticas públicas que

incentivem o desenvolvimento de competências de leitura de maneira mais inclusiva e acessível a todos os alunos, independentemente de sua classe social ou localização geográfica. O relatório ressalta que: “A formação continuada de professores deve ser uma prioridade, uma vez que a qualidade do ensino depende diretamente da capacidade dos educadores de desenvolver práticas pedagógicas eficazes no desenvolvimento da leitura” (OCDE, 2019, p. 22).

Portanto, ao refletir sobre as condições de leitura no Brasil, é possível perceber que a melhoria do desempenho dos estudantes depende não apenas do acesso a livros, mas também de um ambiente escolar que incentive a leitura e a valorização do ensino da língua portuguesa de forma crítica e reflexiva. Para que a leitura seja realmente um meio de aprendizagem, é preciso proporcionar aos alunos as ferramentas e o suporte necessário para que se tornem leitores competentes, capazes de interpretar, analisar e aplicar o conhecimento adquirido.

2.4. Desafios para o desenvolvimento da Leitura

A leitura somente como obrigação pode ser desmotivadora. Quando um livro é imposto, pode parecer mais um fardo do que uma escolha. Acredito que a leitura não deve ser exclusivamente uma obrigação. É fundamental encontrar um equilíbrio entre a responsabilidade de ler e a liberdade de escolher o que ler. Quando tenho a chance de escolher meus livros, a experiência se torna muito mais prazerosa. Isso reforça a ideia de que, embora a leitura possa ser um dever, ela também pode ser uma fonte de alegria e descoberta.

A partir do momento em que os/as alunos/as começam a frequentar a escola, já são indicadas algumas obras apropriando assim de leituras diversas para que possam ter um aprendizado satisfatório. Mas esse processo ocorre, por muitas vezes, de forma monótona, excluindo e afastando o pouco interesse que o/a aluno/a possa ter. Quando os/as discentes se deparam com textos enormes, podem não conseguir entendê-lo e assim a leitura se torna uma prática cansativa. Alguns poderão vê-la como uma obrigação e a realizam apenas para tirar uma nota que seja suficiente para que passem de série, na matéria estudada.

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas.[...] A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas (FREIRE, 1989, p. 12)

Ao ler esse trecho de Paulo Freire, me vejo refletindo sobre a própria experiência como estudante e também como professora. Muitas vezes, me peguei focada na quantidade de textos a serem lidos, tentando dar conta de uma bibliografia extensa, sem realmente parar para refletir sobre o conteúdo de cada um. Fui, por um tempo, refém dessa lógica de "devorar" páginas, acreditando que isso era sinônimo de aprendizado. Mas, ao longo do tempo, percebo que o verdadeiro aprendizado vai muito além da quantidade. A leitura não deve ser uma corrida para completar capítulos, mas um processo de imersão, questionamento e compreensão profunda.

Acredito que os docentes de hoje têm uma enorme oportunidade de modificar e adaptar suas abordagens de ensino. A partir da reflexão proposta por Freire, fica claro que o papel do professor vai além de apenas transmitir informações. O desafio é promover uma aprendizagem que vá além da memorização, incentivando os estudantes a pensarem criticamente sobre o que estão lendo, questionando, debatendo e conectando o conteúdo à sua realidade.

Isso exige uma mudança de foco: não mais a ênfase na quantidade de livros ou capítulos lidos, mas na qualidade da compreensão que se busca. Os professores podem criar ambientes mais dinâmicos e interativos, em que a leitura se torna uma ferramenta de reflexão e diálogo, e não uma tarefa mecânica. É preciso repensar as metodologias, incorporando práticas que incentivem a análise profunda dos textos, debates em grupo, produção de resumos críticos e projetos que estimulem o pensamento independente. A escola é um lugar onde se pode estimular o ato de ler e promover trocas de saberes pois:

Aprender é umas das coisas mais bonitas, mais gostosas da vida. Acontece em qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer lugar. Ajudar as pessoas a descobrir esse prazer, a desgastar o sabor dessa iguaria é ascender as mais altas esferas da atuação humana. A escola exige para estimular a gula pelas delícias do poder saber. (Alves, 2000, p. 11).).

Aprender realmente é uma das coisas mais prazerosas que podemos vivenciar desde os pequenos momentos de curiosidade infantil até as descobertas mais complexas na vida adulta e cada aprendizado traz consigo um sentido de realização e expansão da consciência. A metáfora de “desgastar o sabor dessa iguaria” é particularmente interessante. Isso sugere que, ao compartilharmos o prazer do aprendizado com os outros, ajudamos a desmistificar o conhecimento e torná-lo acessível. Essa ideia de “gula” pelo saber é contagiante; quando vejo outras pessoas se empolgando com novas descobertas, sinto-me motivada não só a ensinar, mas também a aprender ainda mais.

Seguindo nessa perspectiva, podemos refletir sobre algo essencial para este ensaio acadêmico, que Carlesso e Tomazetti (2011) apontam sobre a relação entre a aprendizagem e a experiência, a partir de John Dewey, filósofo norte-americano, e Jorge Larrosa, docente espanhol, estudioso da Filosofia da Educação. Tais estudiosos, por perspectivas distintas, destacam a experiência no processo educativo, por isso, são pertinentes as suas contribuições para se pensar os desafios para o desenvolvimento da leitura e de como ela contribui na aprendizagem dos/as estudantes.

John Dewey e Jorge Larrosa argumentam a favor do papel “formador” da experiência; ambos defendem o experienciar como parte constituidora do sujeito. Em Dewey (1973), por exemplo, encontra-se a ideia de educação como construção e reconstrução da experiência, já em Larrosa, a ideia de acontecimentos da experiência. No entanto, a experiência envolve fatores que, segundo os autores, não podem ser reduzidos ao simples “fazer”. Experienciar, para eles, é viver determinadas condições que dão possibilidade para que a experiência se efetive. Será investigando e pontuando estas condições “propícias” para a experiência que buscaremos elementos de confluência entre os pensadores. Considerando a premissa de que as experiências são constituidoras dos sujeitos que as vivem, fica clara a ligação entre a experiência e os fatores que a possibilitam ou não na sociedade e nas instituições educacionais (CARLESSO, TOMAZETTI, 2011, p. 77).

Ao tecer uma análise sobre as ideias de Dewey e Larrosa, percebo que a experiência é essencial para que os indivíduos se tornem protagonistas de seu próprio aprendizado. Dewey, em particular, enfatiza que a educação deve ser enraizada na experiência do/a aluno/a, promovendo um ambiente onde ele possa interagir com o mundo e refletir sobre essas interações. Isso faz com que o aprendizado se torne mais significativo, pois está conectado às vivências reais, às questões que ele enfrenta e amplia suas possibilidades de compreender e atuar em sua vida.

A leitura, além de ser um instrumento para aquisição de conhecimento, desempenha um papel essencial na formação de cidadãos críticos e reflexivos. No entanto, no Brasil, diversos

desafios comprometem o pleno desenvolvimento dessa habilidade, como desigualdades sociais, carências estruturais no sistema educacional e a ausência de políticas públicas consistentes que incentivem o hábito de ler.

[...] as experiências, para serem educativas, devem levar a um mundo em expansão da matéria de estudo, aqui entendida como um sistema de fatos ou informações e ideias. Essa condição é satisfeita somente quando o educador considera ensinar e aprender como um processo contínuo de reconstrução da experiência, ou seja, quando o educador lança seus olhos para o futuro e vê cada experiência presente como uma força em movimento que influencia o que virão a ser as experiências futuras (DEWEY, 2023, p. 133)

Para Dewey a experiência tem forte função no processo educativo e a atuação docente deve considerá-la para que o/a estudante seja ativo em sua aprendizagem. Já Jorge Larrosa, traz uma proposta de entendimento sobre a experiência, considerando sua relação a educação.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2015, p. 18)

Nesse sentido, é relevante pensar sobre a experiência de leitura, o quanto ela afeta o/a leitor/a e, assim, proporciona um processo de aprendizagem. Segundo Carlesso e Tomazetti (2011), o sujeito da experiência é nela e por ela mobilizado, isso me faz refletir sobre a importância de criar ambientes educacionais que estimulem a curiosidade e a exploração da/na leitura, permitindo que os/as estudantes se envolvam em seu aprendizado.

Além disso, uma referência à escola como um lugar que estimula esse desejo por saber e aprender me faz refletir sobre o papel da educação. A escola deve ser um espaço onde a curiosidade é alimentada, onde o conhecimento é apresentado como uma iguaria a ser cultivada e saboreada. Quando a educação é abordada dessa maneira, ela se transforma em um convite ao aprendizado ao invés de uma obrigação. Essa mudança de perspectiva pode ter um impacto significativo na forma como os alunos se relacionam com o conhecimento.

Já ouvi muitos dos meus/minhas alunos/as falarem que não gostam de ler porque sempre tem textos longos. Mesmo sabendo dos benefícios que a leitura pode proporcionar em suas vidas, o principal motivo é a falta de paciência, muitos alunos preferem leituras curtas, rasas e rápidas com a justificativa de não ter paciência em ler textos mais densos e significativos. Eles ainda não compreendem os benefícios que a leitura proporciona, como vocabulário, conhecimento e informação, além de melhorar o raciocínio e estimular a sua imaginação.

Essa dificuldade de leitura de certos tipos de textos pode refletir o que Paulo Freire (1989) aponta como parte de uma “visão mágica da palavra escrita”, que associa, equivocadamente, a leitura de uma quantidade extensa de textos a uma maior aprendizagem. Quando os/as docentes apostam na quantidade e não na qualidade da leitura, a dificuldade da leitura pode ser a própria impossibilidade da experiência de leitura. É o que Larrosa (2011) identifica como um dos obstáculos para a experiência, o “excesso de informação”, aqui, pensado por ele, em termos sociais:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados [...] O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa o seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação [...] porém com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (Larrosa, 2022, p. 18-19)

As dificuldades de leitura podem estar vinculadas à impossibilidade da experiência de ler, seja pela quantidade de textos indicados na prática educativa, seja pela busca incessante por textos curtos, mais rapidamente consumidos, com foco na aquisição de informações, mas não na experiência da leitura. Há outros dois aspectos que Larrosa (2011) entende como obstáculos que podem estar presentes no que estamos refletindo sobre a leitura. Um é o excesso de opinião:

a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo [...] a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (LARROSA, 2011, p. 20)

Nesse aspecto, o excesso de opinião pode dificultar a experiência de leitura ao trazer como foco um julgamento sobre o tema e não a aprendizagem que seria decorrente do ato de ler em um contexto educativo. A pressa pela opinião pode desmobilizar a leitura, quando o sujeito avalia que prescinde dela. E aqui situa-se o terceiro aspecto, para Larrosa (2011), impossibilitador da experiência, a falta de tempo.

Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. [...] A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. [...] Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência (LARROSA, 2011, p. 22)

Jorge Larrosa observa na aceleração do tempo em nosso contexto contemporâneo uma condição dificultadora da experiência, pois isso desconecta sentidos, acontecimentos e afetos vividos. Assim como Dewey aborda a necessidade de valorização na educação do princípio da “continuidade” entre as experiências passadas, presentes e futuras. A leitura, dentro dessa perspectiva de “falta de tempo”, torna-se mecânica, dissocia decodificação de compreensão, dificulta a integração entre a leitura do mundo e a leitura da palavra.

Por isso, devemos lembrar da importância da intencionalidade em nossas escolhas de leitura. Ao compreender que cada texto que selecionamos tem um papel em nosso desenvolvimento e na construção do conhecimento, assim podemos sentir mais motivados a explorar novos gêneros e perspectivas. A leitura se torna uma ferramenta poderosa não apenas para adquirir informações, mas para construir uma visão de mundo mais rica e diversificada.

Quando a experiência de leitura é valorizada, ela se transforma em um meio para explorar diferentes culturas, ideias e perspectivas, promovendo a empatia e a cidadania. A escola tem a responsabilidade de criar um ambiente onde a leitura é uma prioridade, estimulando o amor pelos livros e incentivando a exploração literária. Isso pode ser feito através de atividades diversificadas, como clubes de leitura, discussões em grupo e projetos que conectem a leitura a temas relevantes da vida cotidiana. Além disso, ao dedicar tempo e atenção à leitura, os educadores ajudam os alunos a perceberem a importância dessa habilidade não apenas no contexto escolar, mas também em suas vidas pessoais e profissionais. Assim, a leitura se torna uma ferramenta poderosa para o aprendizado contínuo e o crescimento pessoal, e não apenas uma tarefa secundária a ser completada rapidamente.

Do ponto de vista crítico e democrático como ficou mais ou menos claro nas análises anteriores, o alfabetizando, e não o analfabeto, se insere num processo criador, de que ele é também sujeito. Desde o começo, na prática democrática e crítica, leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizando e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador. A sua leitura do real, contudo, não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real. Se assim fosse, estaríamos caindo no mesmo autoritarismo tão constantemente criticado neste texto (FREIRE, 1989, p. 17).

Isso demonstra que a educação deve englobar uma abordagem inclusiva e dialogal. A leitura e a escrita não devem ser vistas como atividades isoladas, mas como partes integrantes de um processo mais amplo de comunicação e expressão. Essa dinâmica permite que os alunos se sintam valorizados e engajados, uma vez que podem trazer suas próprias experiências e

perspectivas para o contexto da aprendizagem. A ideia de que a experiência do/a alfabetizado/a deve ser significativa, isso é fato. Quando os/as educadores/as incorporam temas que ressoam com a realidade dos/as discentes, a aprendizagem se torna mais relevante e impactante. Isso não apenas motiva os estudantes, mas também ajuda a desenvolver suas habilidades críticas, já que podem relacionar o conteúdo aprendido com suas vidas cotidianas.

Além disso, essa abordagem promove um ambiente de respeito mútuo e troca de saberes. Quando os alunos sentem que suas vozes são ouvidas, eles se tornam mais ativos em seu processo de aprendizado, o que é essencial para formar cidadãos críticos e autônomos. Isso enriquece o aprendizado, e também contribui para uma educação que é verdadeiramente democrática e inclusiva. Ao conectar a leitura e a escrita à vivência dos estudantes, estamos preparando-os não apenas para o sucesso acadêmico, mas para uma participação ativa e consciente na sociedade.

Segundo Freire (1989), a leitura é um processo multifacetado que começa muito antes da educação formal. A “leitura do mundo” representa a forma como absorvemos e interpretamos as experiências cotidianas, as interações sociais e as emoções. Esse tipo de leitura é intuitivo e visceral, formando a base para a nossa compreensão do que nos rodeia.

Em algumas experiências educacionais, a ênfase pode estar na decodificação de palavras e na análise técnica, em vez de conectar a leitura ao contexto mais amplo da vida dos alunos. Isso pode levar a uma desconexão entre o aprendizado formal e as experiências reais, tornando a leitura uma tarefa mecânica e sem relevância emocional. Um exemplo claro, é a experiência do próprio Paulo Freire, em São Tomé e Príncipe, onde o material usado para alfabetização eram cadernos das culturas populares dos países em questão.

Esse exemplo da experiência de Freire (1989) ilustra de forma direta como a alfabetização pode ser transformadora quando está ancorada na realidade cultural e social dos/as estudantes. Ele se apropriava primeiro dos saberes acumulados das pessoas, ou seja, das culturas populares locais, e a partir dessa abordagem Freire promovia uma educação que não apenas ensinava a leitura e a escrita, mas também incentivava os alunos a refletirem criticamente sobre suas próprias vidas e contextos.

Ao engajar os alunos em discussões sobre questões sociais e políticas, ele não só ampliava seu repertório cultural, mas também fomentava uma consciência crítica. Essa prática

ajuda a desenvolver cidadãos ativos, que não apenas absorvem informações, mas questionam e se envolvem nas questões que afetam suas comunidades. A partir dessa experiência, fica claro que a educação pode e deve ser um meio de promover a justiça social e a mudança.

Essa estratégia me faz pensar sobre como nós educadores podemos aplicar princípios semelhantes em diferentes contextos educacionais. A integração de temas relevantes e significativos para os alunos é essencial para criar um ambiente de aprendizado dinâmico e participativo. Quando os alunos veem a relevância do que estão aprendendo, sua curiosidade crítica é despertada, e eles se tornam mais propensos a participar ativamente de suas comunidades.

A experiência de Freire em São Tomé e Príncipe é um poderoso lembrete de que a educação deve ser um espaço de diálogo e reflexão, onde os alunos podem explorar suas identidades, questionar realidades e se preparar para atuar de maneira consciente e crítica no mundo. Essa abordagem é fundamental para uma educação verdadeiramente emancipatória.

A alfabetização enfrenta muitos desafios, especialmente quando se amplia a definição de quem deve ser alfabetizado. Esse processo não se restringe apenas a crianças; adultos também podem e devem ser incluídos, especialmente em contextos onde a educação formal não foi acessível ou onde o aprendizado foi interrompido. É importante lembrar que a alfabetização é uma habilidade vital que impacta não apenas a capacidade de ler e escrever, mas também a participação ativa na sociedade. Isso me faz refletir sobre a necessidade de criar programas e iniciativas que atendam a diferentes faixas etárias e contextos, promovendo um aprendizado inclusivo e contínuo.

Além disso, ao considerar adultos no processo de alfabetização, vemos como a abordagem deve ser adaptada para considerar suas experiências de vida e seus interesses. A educação para adultos deve ser contextualizada, abordando temas que sejam relevantes para suas vidas, o que possa aumentar a motivação e a eficácia do aprendizado. Isso me leva a pensar em como a aprendizagem ao longo da vida deve ser valorizada, oferecendo oportunidades para que todos possam continuar se desenvolvendo: “Falar de alfabetização de adultos e de bibliotecas populares é falar, entre muitos outros, do problema da leitura e da escrita. Não da leitura e de sua escrita em si próprios, como tê-las e escrevê-las não implicasse uma outra leitura, da realidade mesma” (FREIRE, 1982, p. 15).

A alfabetização de adultos é um aspecto crítico no fortalecimento da cidadania e da participação social. Quando falo de alfabetização, especialmente em contextos de bibliotecas populares, estamos falando de um acesso que vai muito além dos livros; trata-se de proporcionar um espaço onde as pessoas possam se conectar com textos que refletem suas realidades e desafios. As bibliotecas populares desempenham um papel vital nesse processo. Eles não são apenas locais para acessar livros, mas também espaços de encontro e de troca de saberes. Ao promover atividades que incentivam a discussão e a reflexão, essas bibliotecas podem ajudar a criar uma cultura de leitura que seja profundamente conectada às vivências dos indivíduos.

Essa perspectiva me lembra da importância de criar programas de alfabetização que sejam sensíveis ao contexto social e cultural dos participantes. Isso não apenas enriquece a experiência de aprendizagem, mas também promove uma leitura que é significativa e transformadora, permitindo que os indivíduos se tornem agentes de mudança em suas próprias vidas e nas comunidades em que vivem.

O apoio do poder público é necessário para facilitar o processo formativo, especialmente no que diz respeito à alfabetização de adultos e ao desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas. Quando o governo investe em programas de alfabetização e em bibliotecas populares, cria-se um ambiente onde os estudantes possam aprender não apenas de forma técnica, mas também a partir de suas vivências e das experiências compartilhadas com os colegas.

Considerações Finais

Em síntese, a leitura se configura como uma ferramenta fundamental no processo educacional, desempenhando um papel central na formação integral dos estudantes. Mais do que um meio para a aquisição de conteúdos acadêmicos, ela é responsável pelo desenvolvimento de uma gama de habilidades cognitivas, sociais e emocionais que são essenciais não apenas para o sucesso escolar, mas também para a vida pessoal e profissional.

No plano cognitivo, a leitura aprimora a capacidade de interpretação de textos, estimula o raciocínio lógico, fortalece a memória e aprimora a habilidade de síntese e análise, competências indispensáveis para enfrentar os desafios de um mundo em constante evolução. Ao criar uma base sólida de compreensão e argumentação, a leitura permite que os alunos se

tornem mais preparados para lidar com as demandas acadêmicas e profissionais que exigem pensamento crítico e capacidade de resolver problemas complexos.

Além disso, a leitura tem um impacto profundo no desenvolvimento social e emocional dos estudantes, pois amplia seus horizontes e os conecta com diversas culturas, perspectivas e experiências de vida. Esse contato com outras realidades, muitas vezes muito diferentes das suas, estimula a empatia, o respeito às diferenças e a compreensão de que o mundo é plural e diversificado.

A leitura de obras que tratam de questões sociais, identidades culturais e desafios humanos oferece aos estudantes uma oportunidade única de refletir sobre seus próprios valores e comportamentos, e até mesmo de repensar suas atitudes em relação ao próximo. Esse desenvolvimento da empatia e da compreensão das complexidades humanas é essencial para a formação de cidadãos mais conscientes, solidários e preparados para interagir de maneira ética e respeitosa com os outros.

No contexto da formação do pensamento crítico, a leitura se revela indispensável. Em uma época de saturadas informações, muitas vezes imprecisas ou manipuladas, a capacidade de discernir e avaliar criticamente o que é consumido é um diferencial fundamental para o indivíduo.

Ao fomentar a capacidade de questionar e refletir sobre os textos lidos, a leitura prepara os estudantes para se tornarem agentes ativos e conscientes no processo de construção do conhecimento. Eles são ensinados a analisar e confrontar ideias, a desenvolver uma postura investigativa e a tomar decisões informadas, habilidades que são cruciais para a vida profissional e para o exercício pleno da cidadania.

Ademais, a leitura também impulsiona a criatividade e a imaginação, qualidades cada vez mais valorizadas em um mundo que exige inovação e soluções criativas para problemas complexos. Ao ler, os estudantes têm a oportunidade de explorar novos mundos, vivenciar experiências e reflexões que podem desafiar seu pensamento e expandir suas possibilidades. Isso permite que se tornem indivíduos mais flexíveis, com capacidade de adaptação e de enfrentamento das incertezas que caracterizam o mundo contemporâneo.

Portanto, a leitura não deve ser considerada apenas uma ferramenta para o aprendizado acadêmico, mas como um pilar essencial no desenvolvimento de habilidades que formam o indivíduo de maneira holística. Ela prepara os estudantes não apenas para as exigências do mercado de trabalho, mas para se tornarem cidadãos críticos, criativos e éticos, capazes de compreender a complexidade do mundo e atuar de maneira significativa nele.

Ao proporcionar uma experiência enriquecedora e diversificada, a leitura contribui para a formação de um ser humano mais completo, preparado para enfrentar as adversidades, abraçar a diversidade e contribuir para um futuro mais justo e equitativo. Assim, a leitura, longe de ser um simples hábito, torna-se um meio vital de transformação, proporcionando aos indivíduos as ferramentas necessárias para navegar e transformar o mundo ao seu redor.

Referências

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1998.

LARROSA, Jorge. A leitura e o sentido da vida. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, Maria José. Leitura e práticas de linguagem: o leitor e o contexto. 1. ed. São Paulo: Ática, 2006. p

FOUCAMBERT, Bernard. Leitura e aprendizagem: como o sujeito lê o mundo. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A leitura e o leitor: para uma pedagogia da leitura. São Paulo: Ática, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LARROSA, Jorge. A experiência da leitura. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CARLESSO, Maria Teresa; TOMAZETTI, Alda. Experiência e subjetividade na educação. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DEWEY, John. Como pensamos: um estudo sobre a natureza da crença e do conhecimento e a educação da criança. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2023.

ALVES, Rubem. A escola e o saber: a prática educativa como formação humana. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Ensinar para aprender: uma visão estratégica para a formação de professores. Paris: OCDE, 2019.